

BIBLIOTECAS: metáforas da memória

LIBRARIES: memory metaphors

Terezinha Elisabeth da Silva
Doutoranda em Multimeios pela UNICAMP
Professora do Departamento de Ciências da Informação
Universidade Estadual de Londrina
telis@uel.br

Resumo

Analisa o desejo de acúmulo do saber e da memória e, o desejo de mostraçãõ do poder representados na arquitetura dos prédios de grandes bibliotecas. A biblioteca como metáfora da memória da humanidade. Discute sobre o sonho do eterno que perpassa os desejos das bibliotecas ao longo da história do livro e das bibliotecas. Reflete sobre a função dos prédios (edifícios) de grandes e importantes bibliotecas para o desenvolvimento e manutenção do desejo do eterno e da metáfora da memória e a representação do fantástico e do sagrado.

Palavra-chave: Prédio de Biblioteca – Memória. Arquitetura de prédio para biblioteca.

1 INCIPIT...

A ‘imersão’ no tempo branco da memória se dá através de um *travelling* frontal sobre o catálogo da Biblioteca, branco sobre fundo negro – *Sem catálogo, esta fortaleza seria como um país sem rodovias* – em seguida, de um outro busto do qual o olhar de mármore marca uma impassível tranqüilidade passa-se às páginas manuscritas (Édit du Roy) mergulhadas num banho de conservação. E, finalizando esta longa montagem, a última estátua mostra a cara de um ogro com olhos em espiral: *Com o tempo nasceu o grande catálogo de impressos que está ainda hoje sendo feito.* (COLIN, 1997, p. 115)

No Ato II de *César e Cleópatra*, peça de Bernard Shaw, ao ver o fogo consumir a Biblioteca de Alexandria, Teódoto diz a César: “O que está queimando aqui é a memória da humanidade”. Bibliotecas são a memória da humanidade: as palavras de Bernard Shaw continuam ecoando. Perpassam os desejos das bibliotecas desde seus primórdios e produzem efeitos ainda hoje. Livros, artigos e filmes celebram as bibliotecas. Exemplo é a citação que inicia este texto e que se refere ao documentário *Toute la memoire du monde*, sobre a Biblioteca Nacional da França, realizado em 1956 por Alan Resnais. Cristina Fonseca declara ter se inspirado no filme de Resnais para fazer o vídeo *Biblioteca Mindlin: um mundo em páginas*, de 2002. *The Memory of Mankind: the Story of Libraries Since the Dawn of History*, é o título de um fabuloso volume publicado em 2001, autoria de Don Heinrich Tolzmann, Alfred Hessel, Reuben

Peiss. Há um número especial do Correio da Unesco, de 1985, intitulado: *Memória da humanidade: bibliotecas e arquivos*. Também da Unesco o documento *Lost Memory: libraries and archives destroyed in the Twentieth Century*, de 1996, que faz parte do programa *Memory of the World*. Biblioteca: metáfora da memória da humanidade, mais que isto, a própria memória da humanidade. Repousa aqui um desejo de eternidade.

Memórias da humanidade. Templos do saber. Catedrais de papel. Quantas metáforas podem-se imaginar para as bibliotecas? Com quantas metáforas podemos, ainda hoje, pensar e identificar as bibliotecas? De que forma estas metáforas contribuíram para a idéia da biblioteca como um espaço sagrado, como ainda hoje é pensado por muitos?

Ao longo da história do livro e das bibliotecas, vários fatores contribuíram para o vislumbre desse desejo. Sem dúvida, prédios de grandes, importantes e imponentes bibliotecas tiveram e ainda têm a função de alimentar e manter o desejo do eterno e a metáfora da memória.

A noção de que a arquitetura é a concretização de uma idéia, de que ela evolui e muda da concepção à conclusão por meio de algo equivalente a um artifício retórico (se considerarmos uma catedral, por exemplo, como uma metáfora para uma teoria filosófica), talvez explique em parte a nossa relação com os edifícios que tanto contemplamos como habitamos. Eles exemplificam nosso conceito de espaço, bem como nossas idéias sobre a sociedade e o indivíduo. (MANGUEL, 2001, p. 253).

Neste trabalho, analiso imagens de interiores de algumas bibliotecas (séculos XVII a XIX), de forma a evidenciar o papel da arquitetura e da decoração destas instituições na criação e reforço da metáfora da memória.

2 BIBLIOTECAS: REPOSITÓRIOS FANTÁSTICOS DA MEMÓRIA

Início esta digressão evocando a imagem de São Jerônimo de Antonello da Messina (1430-1479), a mesma que serviu de mote para o ensaio de Ameri (1995). Jerônimo, nascido na Damácia no século IV, amava os livros, lia os clássicos e enriquecia sua biblioteca copiando à mão livros que não possuía. É dele a *Vulgata*, tradução das escrituras sagradas do grego e do hebraico para o latim. Por sua dedicação aos livros e à tarefa de tradução, São Jerônimo é considerado o patrono das bibliotecas, dos bibliotecários e dos tradutores. A iconografia do santo é abundante. As

representações mais comuns são aquelas em que ele é mostrado como um velho barbado, de ralos cabelos longos e vestes escassas. Compõem essas representações, o leão, os livros, o crucifixo e a caveira.

Mas o Jerônimo de Antonello da Messina (1430-1479), artista do *Quattrocento*, foge das representações tradicionais. Em Messina vemos um Jerônimo de meia-idade que se veste como um contemporâneo do próprio pintor. Trabalha num estúdio de madeira incrustado dentro de um edifício gótico. Nesta imagem "temos um retrato preciso e brilhante das características mais importantes para se conseguir uma comunicação eficiente entre o conhecimento acumulado e o leitor" (BRAWNE *apud* AMERI, 1995). O autor refere-se à racionalidade da concepção e ocupação do espaço. O estúdio de São Jerônimo está três degraus acima do piso, tem mesa adequada às proporções dos códices e estantes que dispõem livros sempre à mão. Móveis, espaço e iluminação devem ligar o leitor à biblioteca, assim como a escrita adere-se ao livro, ao mesmo tempo em que separa e livra o leitor de tudo o que seja inóspito.

Entrando no estúdio de São Jerônimo de Messina, entramos numa biblioteca medieval, cristã, que prima pela limpeza das formas e do espaço. Onde o tom é dado pelos verbos *ora et labora*. Bibliotecas de mosteiros famosos como Saint-Michell, Cluny, Bobbio e Durham, onde o poder era controlado pelo conhecimento reproduzido autograficamente por copistas e armazenado sob os olhos atentos dos *armarii* ou dos *bibliothecarii*. E o livro, na maioria das vezes, permanecia fechado em armários ou amarrado às estantes (*liber catenatus*). O imaginário dessas bibliotecas medievais foi engenhosamente explorado no livro e no filme *O Nome da Rosa*.

No entanto, as bibliotecas pós Idade Média orientam-se por outros nortes. No século XIII a secularização da cultura na Europa resulta na decadência das bibliotecas de abadias e mosteiros onde o conhecimento clássico hibernou. Lugares sagrados que não serviram à difusão do conhecimento, antes, à sua restrição. Mas o florescimento das cidades e a criação das universidades produzem o deslocamento do eixo da produção e reprodução do conhecimento dos espaços religiosos para os lugares laicos.

A emergência da imprensa de tipos móveis a partir do século XV impulsiona a transmissão do conhecimento, em escala até então desconhecida, e impõe ritmo acelerado ao crescimento das bibliotecas. O acúmulo dos textos, agora reproduzidos em

série e dirigidos a outros públicos, exigiu a construção de prédios apropriados à guarda das coleções.

Estas novas bibliotecas (bibliotecas reais, bibliotecas universitárias) são espaços laicos, entretanto são espaços laicos que desejam o sagrado. Primeiro porque não participam, como hoje, da vida comum da sociedade, mas relacionam-se ao poder do conhecimento, ao poder político e, ainda, ao poder religioso. Monumentos que abrigam documentos. Observando os prédios destas bibliotecas, especialmente bibliotecas universitárias e bibliotecas reais (atualmente transformadas em bibliotecas nacionais), percebe-se em sua arquitetura, um movimento de demonstração de poder e de sacralização do espaço.

Espaços que são repletos de significados, uma vez que [...] não vivemos num espaço vazio dentro do qual podemos colocar indivíduos e coisas. Não vivemos dentro de um espaço vazio que possa ser colorido por brilhos variados, vivemos dentro de um jogo de relações que delineiam locais que são irreduzíveis [...] (FOUCAULT, 1984).

Muitas são as grandes bibliotecas que fazem parte desse período. Da epopéia barroca, destaco dois exemplos. Primeiro, a Biblioteca Mazarina, fundada pelo Cardeal Mazarino e aberta ao público em 1643 e que teve como responsável, no período de 1642-52, Gabriel Naudé, bibliotecário erudito e autor do célebre *Advis Pour Dresser Une Bibliothèque* (1627), considerado o primeiro tratado de Biblioteconomia.

A segunda é a Biblioteca Alessandrina (1661), criada pelo papa Alessandro VII e localizada no Palazzo della Sapienza, prédio que hoje guarda documentos pontifícios, visto que desde 1935 o acervo da Biblioteca foi transferido para a Universidade de Roma. A Mazarina e a Alessandrina são ambas bibliotecas seculares, no entanto, foram criadas por decisões eclesiásticas e permaneceram por muito tempo dependentes dos desígnios da Igreja. Nelas observa-se semelhante disposição das estantes de madeira que vestem as paredes e das compridas mesas enfileiradas pelo vão central. Na Mazarina, as 54 colunas coríntias dispostas ao longo das salas de estantes guardam os bustos dos benfeitores da biblioteca.

E do auge do barroco, apresentam-se duas bibliotecas bastante significativas: a Joanina da Universidade de Coimbra e a Nacional da Áustria. Os prédios do século XVIII denunciam a emoção e os exageros do período. Na austríaca, anteriormente denominada Biblioteca da Corte Imperial, misturam-se a arquitetura, a pintura e a

escultura. Na entrada, a estátua de Carlos VI, imperador que criou a biblioteca, permanece vigilante sob a proteção de um profundo e fingido céu. As formas sinuosas, os volumes, curvas e arcos anseiam por seduzir o visitante. Na Biblioteca Joanina, o ouro, o desenho das estantes, as colunas em ponta e os arabescos confundem os olhos e enganam os sentidos. Os ornamentos nada discretos provocam vertigens. Em ambas bibliotecas a forma extrapola e transcende a função. Enaltecem o livro e o saber, mas, antes de tudo, enaltecem seus criadores e exigem do leitor (visitante) ritual de entronização. Desejam mostrar sua imortalidade e a força divina do saber e de seus reis.

Mas, não só de barroco vive o século XVIII. No epicentro do Iluminismo, a Enciclopédia de Diderot e D'Alembert surge como metáfora da biblioteca portátil e móvel, num desejo de desprendimento do conhecimento dos edifícios das bibliotecas e já uma ânsia de descolamento do texto de seu suporte. Suporte que agora abundante recebe imagens gravadas em metal, aprimorando assim o diálogo do texto impresso com o texto imagético. Paralelamente a isto, o predomínio da Razão, a gênese das idéias liberais e a difusão do paradigma cartesiano (e newtoniano) como método científico que rompe com a tradição de interpretar o mundo através do religioso e do místico.

É no espírito das Luzes que vive Etienne-Louis Boullée, arquiteto parisiense cuja obra teórica é mais profícua que seus projetos arquitetônicos, como aqueles expostos pelo personagem de *O Sonho de um Arquiteto* (1987), filme de Peter Greenaway. Ainda que não tenha realizado muitos de seus projetos, Boullée pensava os espaços de forma racional e monumental, uma arquitetura que deveria ser "parlante" e a serviço do progresso social. Para a Biblioteca do Rei, projeto de 1785, Boullée propõe um vão em semicírculo, linhas claras, clássicas e limpas; a Biblioteca seria um espetacular anfiteatro de livros que observam o desempenho do leitor no centro do edifício. Antes do projeto de Boullée, o sistema "biblioteca-anfiteatro", em menor escala, apresenta-se no prédio da Biblioteca de Milão. Criada em 1609 e também conhecida como Biblioteca Ambrosiana, foi transferida para o prédio atual na década de 1750.

Ainda que a Biblioteca do Rei tenha ficado no projeto, Boullée parece ter sido o inspirador de vários prédios concebidos no final do século XVIII e inícios do século XIX. Ainda que sem caráter tão monumental, Henri Labrouste constrói a Biblioteca Sainte Geneviève (1843-50) cuja estrutura em ferro inaugura o uso deste material na

construção. Os arcos em ferro, distribuídos ao longo do salão de leitura, suportam o magnífico teto da Sainte Geneviève e dão leveza à construção, não em detrimento da imponência.

É também de Boullée o esquema original do projeto do antigo prédio da Biblioteca Nacional da França, realizado por Henri Labrouste no período de 1862-68. A coleção da Biblioteca Nacional Francesa, agora está dividida em sete locais, dentre os quais, o grandioso complexo de prédios que formam a Biblioteca François-Mitterrand, às margens do Sena. Naquele prédio do século XIX, de estilo neoclássico, o domo da sala de leitura é suportado por estrutura de arcos de ferro. Como se vê, a inspiração que fornece Boullée aponta para a biblioteca que se transforma, pela distribuição do espaço, em teatro ou anfiteatro. Os livros são os espectadores, o espetáculo, na maioria das vezes, é desempenhado pelo leitor.

Substituindo a pedra e a argamassa, a estrutura de ferro constitui esta nova máquina onde habita a cultura impressa: a máquina de armazenar, transmitir e disponibilizar o conhecimento, no espírito mesmo da Revolução Industrial. Peças articuláveis e modulares podem, em tempo recorde, se transformar em mais uma máquina de armazenar livros. A leveza dos materiais e o deslocamento dos edifícios para o alto articulam-se com a leveza do material impresso, com o desprendimento do texto deste suporte e sua migração para outros suportes menos tradicionais.

Tudo isto antecipa as grandes transformações do século XX, com a emergência de tecnologias de toda ordem: máquinas de morar, máquinas de transportar, máquinas de informar. Máquinas de armazenar: museus e bibliotecas cujas coleções dialogam e muitas vezes ocupam o mesmo espaço. O que não é de toda novidade, pois o *Musæum* do palácio de Alexandria acolhia parte do acervo da mais famosa de todas as bibliotecas.

Em Londres, o Museu Britânico, terminado de construir em 1847, abrigou até 1997 a Biblioteca Britânica, que atualmente encontra-se também em outro prédio. É a famosa sala de leitura em formato redondo, datada de 1854, que identifica o que se conhece por Biblioteca Britânica, ou que fornece a imagem que mais circula com essa denominação. Coberta por gigantesco domo radial recebeu, ao longo de sua história, grandes pensadores e literatos como Karl Marx e Virginia Woolf. Também a sala de leitura principal da Biblioteca do Congresso, no seu prédio mais famoso, o Thomas

Jefferson, é redonda e com corredores em disposição radial. Ali, desde 1897 os leitores são observados por musas distribuídas ao longo de um mezanino sustentado por grandes colunas. Neste esplendor, encontramos presentes vários elementos de um barroco moderno. A sala de leitura, com pé direito de 50 metros, repleta de mosaicos e vitrais, é mais um ícone americano. Em *Todos os Homens do Presidente* (1976), os dois repórteres do Washington Post buscam nos catálogos da Biblioteca, informações sobre livros emprestados por membros do Partido Republicano. Para usar a Biblioteca como cenário, a Warner pagou à instituição 90 mil dólares por 30 segundos de filme. Como "grandes bibliotecas panópticas" em seus "edifícios enciclopédicos" (GRAFTON, 2000, p. 180), a Biblioteca Britânica e a Biblioteca do Congresso reinam absolutas em seus panteões, desde a segunda metade do século XIX e por todo o século XX. Mais que o poder do conhecimento, são prédios que representam o poder econômico do mundo anglo-saxão.

Assim como os grandes museus, estas duas bibliotecas – a Britânica e a do Congresso – são exemplos do desejo de captura e aprisionamento do tempo e da memória, que se expande a partir do século XIX. É da necessidade de captura do tempo ou da ambição pela preservação e pela coleção que fala Foucault quando desenvolve o conceito de heterotopia.

Museus e bibliotecas se tornaram heterotopias onde o tempo não cessa de acumular e que não alcança seu auge. No século XVII, mesmo no final do século, museus e bibliotecas eram a expressão de escolhas individuais. Mas, a idéia de acumular tudo, de estabelecer um tipo de "arquivo geral", o desejo de ter num único lugar, todos os tempos, todas as épocas, todas as formas, todos os gostos, a idéia de constituir um lugar que congregue todos os tempos que são por si só, fora do tempo e inacessíveis à destruição do tempo, o projeto de organizar, deste modo, um tipo de acumulação perpétua e indefinida do tempo em um lugar imóvel, esta idéia de todo pertence à nossa modernidade. O museu e a biblioteca são heterotopias próprias da cultura ocidental do século XIX. (FOUCAULT, 1984)

3 CONSIDERAÇÃO FINAL

O desejo de acúmulo do saber e da memória e o desejo de mostraçãõ do poder farãõ com que as grandes bibliotecas representem, em sua arquitetura, o fantástico sagrado. A escala cada vez mais monumental dos edifícios enfatiza a imortalidade dos

espaços e provoca no leitor (visitante), a sensação de que o divino (o tempo) ali reside, pois o que o arquiteto faz é reproduzir o original divino que, se bem sucedido, torna-se o próprio divino (MANGUEL, 2001). Ao entrarmos nestas bibliotecas, penetramos em repositórios da memória, mergulhamos em suas imagens fantásticas, imagens agentes (ALMEIDA, 1999). Fazemos como sugere Santo Agostinho:

O grande receptáculo da memória – sinuosidades secretas e inefáveis, onde tudo entra pelas portas respectivas e se aloja sem confusão – recebe todas estas impressões, para as recordar e revisitar quando for necessário. Todavia não são os próprios objetos que entram mas as suas imagens: imagens das coisas sensíveis sempre prestes a oferecer-se ao pensamento que as recorda. (AGOSTINHO, 1973, p.54)

Na arquitetura espetacular, os prédios existem para serem vistos e lembrados. Prédios eternizados na memória do espectador que hoje os visita e olha. Monumentos que buscam eternizar a palavra capturada pela escrita e aprisionada dentro dos livros. E, para isto, sua arquitetura procura imitar os castelos e palácios propostos como artifícios da Arte da Memória.

Os edifícios não vivem somente por aquilo que têm de visível, de físico, mas também pelos reflexos sobre a memória de gerações de pessoas. O valor simbólico da arquitetura é encontrável, portanto, não só no objeto e nas suas relações com outros objetos, como também na relação entre o objeto e quem o usufrui. (STROETER, 1986, p. 97)

A arquitetura das bibliotecas monumentais funciona como um discurso que se impõe, como uma arquitetura "parlante", para usar a expressão de Boullée. Artifício de retórica do saber e do poder, estas bibliotecas seduzem porque se imagina que nelas nada pode ser esquecido. O verbo esquecer é um verbo que transgride a lógica do acúmulo. Mas o "passado rememorado com vigor pode se transformar em memória mítica", alerta Andreas Huyssen (2000, p. 69). Seria mítica a memória que as grandes bibliotecas guardam? É provável que sim, que a resposta repouse no caráter mítico dessa memória. Assim, a reverência, não aos livros, mas ao que estas bibliotecas representam, à grandiosidade do seu passado, reforça suas auras e alimentam a força simbólica desses edifícios que se tornam, assim, impenetráveis.

Ao longo deste texto procurei desenvolver em torno do tema **memória e biblioteca** uma abordagem cuja essência dá-se pela contemplação dos espaços de grandes e imponentes bibliotecas. *Locus* da erudição e da memória, estas bibliotecas impõem ao visitante a reverência à sua liturgia. Mas são também lugares da

humanização da cultura, lugares em que a memória não apenas está guardada, mas de onde a memória se desprende para circular entre os leitores. A biblioteca, qualquer biblioteca, é o lugar que abriga a palavra e que acolhe e torna possível a narrativa da história da humanidade.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões; De Magistro**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- ALMEIDA, Milton José de. **Cinema: arte da memória**. Campinas: Autores Associados, 1999.
- AMERI, Amir H. On the logic of encampment: writing and the library. **Issues in Architecture Art and Design**, London, v. 4, n. 2, 1995. Disponível em: <<http://home.kendra.com/ameri/Logic/Logic.html#Anchor-14210X>> Acesso em: 11.05.2002
- COLLIN, Ludovic. La longévité dans l'espèce: Alain Resnais, *Toute la mémoire du monde*. **Vertigo**, Paris, n. 17, p. 111-117, 1997.
- FOUCAULT, Michel. Des espaces autres (1967), Hétérotopias. **Architecture, Mouvement, Continuité**, Paris, n. 5, p. 46-49, oct., 1984. Disponível em: <<http://foucault.info/documents/foucault.heteroTopia.en.html>> Acesso em: 11.05.2002
- GRAFTON, Anthony. Como criar uma biblioteca humanista: o caso de Ferrara. In: O PODER das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000.
- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- STROETER, João Rodolfo. **Arquitetura & teorias**. São Paulo: Nobel, 1986.

FILMES CITADOS

- BIBLIOTECA Mindlin: um mundo em páginas. Direção: Cristina Fonseca. Brasil, 2003.
- NOME da Rosa, O. (The name of the rose). Direção: Jean Jacques Annaud. Alemanha; França; Itália, 1986.
- SONHO de um arquiteto, O. (Belly of an architect, The). Direção: Peter Greenaway. Inglaterra, 1987.
- TODOS os homens do Presidente. (All the president's men). Direção: Alan Pakula. EUA, 1976.
- TOUTE la mémoire du monde. Direção: Alain Renais. França, 1957.

ABSTRACT

It analyzes the desire of knowledge and memory accumulation and the desire of showing power represented by the architecture of great library buildings. The library as metaphor of human memory. It discusses the dream of eternal that are in libraries along

books and library history. Reflexions on the function of great and important libraries for the development and maintenance of the desire of eternal and the metaphor of the memory and the representation of the fantastic and of the consecrated.

KEYWORDS: Library Buildings – Memory.

Originais recebidos em 04/10/2005